

ARTE E EDUCAÇÃO: RESSONÂNCIAS E REPERCUSSÕES

SUMAYA MATTAR E ALBERTO ROIPHE
ORGANIZADORES

CARTOGRAFIA E AUTORIA DOCENTE: A IMAGINAÇÃO CRIADORA NOS PROCESSOS DE PLANEJAMENTO DE ENSINO

SUMAYA MATTAR

Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo! —
só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chega-
da. [...] Viver nem não é muito perigoso?

(*Guimarães Rosa*)

A oficina “Cartografia e autoria docente: a imaginação criadora nos processos de planejamento de ensino” teve por objetivo propiciar aos participantes, por meio do que venho denominando *exercício cartográfico*, a possibilidade de exercitar a autoria do processo de planejamento de ensino, considerando tanto suas tendências poéticas quanto a realidade da escola em que atuam e as necessidades dos seus alunos. Tal perspectiva envolve, substancialmente, a reflexão crítica e a imaginação criadora, que têm no exercício cartográfico um grande aliado.¹

Os mapas geográficos nos são muito familiares. Deles fazemos uso quando queremos nos situar em espaços que nos são desconhecidos, seja em uma viagem, seja em nossa locomoção diária. Mas os mapas podem ser utilizados em outros campos, como na atividade de pesquisa e na prática educativa, já que se prestam à organização, à representação e à visualização de dados complexos.

Permitindo o uso de múltiplas linguagens e favorecendo uma representação holística e multifacetada de um dado tema, problema, ideia,

1. A Cartografia reúne estudos e operações científicas, artísticas e técnicas baseados em observações diretas ou a partir de documentos, objetivando a elaboração e preparação, entre outras coisas, de mapas.

objeto ou fenômeno, o exercício cartográfico possibilita o registro de experiências vivenciadas, a organização e o encadeamento de conceitos, a comunicação de pensamentos e o desenvolvimento da imaginação e da inteligência criadoras, uma vez que seu alcance extrapola a realidade tal e qual.²

A viagem de Guimarães Rosa

O público de nossa oficina foi composto por professores da Educação Básica e do Ensino Superior, além de alguns estudantes e pesquisadores.

O ponto de partida de nosso encontro foi a viagem que João Guimarães Rosa realizou em 1952, no sertão de Minas Gerais.

Para convidá-los a acompanhar a aventura do autor mineiro, exibimos a curta-metragem *rio-de-janeiro, minas*, de Marily da Cunha Bezerra, realizado no ano de 1993, no município de Três Marias, em Minas Gerais, nas margens do Rio São Francisco:

Voz de homem conta o encontro que teve aos 14 anos com um belo e estranho Menino que o leva através das águas do pequeno rio de-janeiro ao encontro do amor, do medo e da coragem.³

Onde uma viagem tem início?

A viagem de João Guimarães Rosa durou 45 dias, durante os quais percorreu 240 km no sertão de Minas Gerais, em lombo de burro, acompanhado de nove vaqueiros, entre os quais, Manuelzão.

O autor levou consigo um caderno de notas, no qual anotou tudo o que de importante encontrou pelo caminho.

A experiência resultou, entre outras obras, no livro *Grande sertão: veredas*, publicado em 1956, em cujas orelhas estão dois mapas feitos por Poty.

2. No trabalho que realizo no campo da formação inicial e continuada de educadores, bem como na formação de pesquisadores, a cartografia é associada a várias outras experiências voltadas à criação didática e ao trabalho de construção e manifestação da subjetividade, como o são, por exemplo, o trabalho autobiográfico, a criação artística e o trabalho com o registro.

3 Sinopse escrita no encarte do curta-metragem *rio-de-janeiro, minas*, de Marily Cunha Bezerra, 1993. O filme tem duração de 8 min, é narrado por José Mayer e conta com a participação de Manuelzão, entre outros.



Ilustração de Poty para a primeira edição de *Grande sertão: veredas*, reproduzida na edição comemorativa da obra. Fonte: Rosa, João Guimarães, *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Os mapas feitos por Poty remetem às paisagens de *Grande sertão*, com suas gentes e bichos, suas terras, rios e veredas. Realidade e ficção, tempo e espaço se misturam nas belas representações, nos remetendo a uma certa noção de caminho, com pontos de partida, de paragens e chegada.

Onde teria tido início a viagem de Guimarães?

O escritor, nascido em 1908, em Cordisburgo, norte de Belo Horizonte, vivera por muitos anos em Hamburgo, na Alemanha.

De volta ao Brasil, em 1942, desejou desbravar o sertão mineiro, redescobrimo sua gente.

Será que, como bom viajante, Guimarães Rosa fez um mapa dos locais onde queria passar, das coisas que queria ver, conhecer e experimentar?

Disso não sabemos, mas sabemos que, embora nascida na imaginação, a ideia ali não ficou. A viagem foi planejada e assim pôde ser realizada, alimentando definitivamente a obra do grande autor.

Um convite ao exercício da imaginação criadora

Como anda a imaginação criadora dos professores? Será que têm conseguido empreender viagens que descortinem, a si e a seus alunos, novas paisagens?

Cada vez mais, os professores são tratados como incapazes de lidar de forma responsável e competente com o exercício da profissão, em especial no que se refere à tomada de decisões que envolvem a organização curricular e o planejamento de ensino, o que, não raro, leva ao esgotamento da capacidade de realização de um trabalho autoral, por meio do qual se reconheçam. É necessário que tal situação seja paulatinamente superada, dando espaço para a real valorização de suas plenas capacidades para organizar e gerir sua atuação com autonomia, ainda que sempre relativa, e de forma competente.

Nessa perspectiva, propus aos participantes o exercício cartográfico como forma de exercerem a autoria do processo de planejamento de ensino, considerando tanto suas tendências poéticas quanto a realidade da escola em que atuam e as necessidades dos seus alunos. Tal perspectiva envolve substancialmente a reflexão crítica e a imaginação criadora, mas ambas não se desenvolvem espontaneamente no âmbito da formação de educadores. É necessário, pois, que sejam intencionalmente trabalhadas.

Primeiramente, convidei-os a pensar em seus propósitos no campo da arte e da educação: *o que os faz acordar todos os dias e os anima a trabalhar, o que não é passageiro (como um objetivo, por exemplo, que ao ser alcançado deixamos de tê-lo) e lhes permite resignificar, dia após dia, a escolha pela arte e a educação como campos de atuação?*

Pedi, então, que escolhessem uma turma de alunos com a qual estivessem trabalhando e, em seguida, definissem um *problema* com o qual gostariam de lidar.

A ideia de escolher um *problema*, aqui entendido como *objeto de atenção*, advindo do cotidiano escolar, possibilita situar o exercício da docência no campo da pesquisa, deslocando o professor do costumeiro lugar de passividade ante a realidade para um franco processo de indagação e reflexão, podendo, assim, aprender com sua práxis.

Definido o problema, solicitei que levantassem uma hipótese de trabalho, sem se prenderem às dificuldades, afinal, Guimarães Rosa jamais teria feito uma viagem em lombo de burro por 45 dias, àquela altura da vida, se ficasse pensando nas dificuldades e nos desconfortos!

De fato, somente fazendo uso da imaginação criadora, tão favorecida

pela arte, é possível darmos início a processos educativos que parecem impossíveis!

Se o exercício docente fosse feito de viagens: curtas, como uma aula; médias, como um bimestre ou semestre; longas, como um ano letivo, ou muito longas, envolvendo toda a vida profissional, que viagem você gostaria de fazer? Onde você começaria sua viagem? Quanto tempo ela duraria? Quais seriam os pontos de passagem e de paragem? O que espera encontrar pelo caminho? Que dificuldades poderá ter? Que alegrias? O que pensa aprender? Onde gostaria de chegar? Que lugar é este? Qual o nome da sua viagem?

Coloquei um rolo de papel branco sobre a mesa e materiais de todos os tipos e pedi que cortassem o papel no tamanho do mapa que gostariam de fazer. A partir de então, deveriam dar asas à imaginação, traçando o percurso desejado, utilizando, além de imagens, palavras e o que mais quisessem.

Qualifique este lugar; imagine-o e represente-o de forma detalhada, como um mapa, com início, meio e fim.

A representação com imagens e palavras possibilita maior clareza dos significados de conteúdos que dizem respeito a si próprio, mas que, de modo geral, são inapreensíveis ao professor, já que tanto a expressão de sua subjetividade quanto o exercício reflexivo nem sempre são trabalhados e bem vindos em seu cotidiano.

Ao associar palavras a imagens, escolhendo materiais, símbolos, elementos gráficos e pictóricos, definindo pontos de partida, de passagem e de chegada, relacionando elementos, alocando suas hipóteses em áreas centrais ou periféricas e, finalmente, visualizando o transcurso imaginado, o professor realiza uma intensa operação intelectual e artística, cujo resultado é absolutamente genuíno e lhe permite viver a alegria da autoria, ao mesmo tempo que o ajuda a organizar sua bagagem de experiências e conhecimentos e a preparar-se para lançar-se para o novo, ainda que prevendo as dificuldades que encontrará, já que tudo cabe e pode ser representado em seu *mapa*. Um exemplo do uso da cartografia na pesquisa é relatado por Maria Cruz Barbosa Reis, em seu artigo, na página 184 deste livro.

Concluimos a oficina apreciando os mapas e conversando sobre a experiência. Surpreendemo-nos não apenas com a variedade de formatos e a qualidade estética das produções, mas, sobretudo, com as perspectivas afloradas em tão curto espaço de tempo, que indicam a possibilidade de realização de uma miríade de projetos autorais.

Referências

- ARRIGUCI JUNIOR, Davi. *O mundo misturado*: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 40, p. 7-29, nov. 1994.
- BEZERRA, Marily da Cunha. *rio-de-janeiro, minas* (curta-metragem baseado em episódio de Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa), 35mm, 8 min, 1993.
- MATTAR, Sumaya. *Sobre arte e educação*: da oficina artesanal à sala de aula. São Paulo: Papirus, 2010.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O espaço iluminado no tempo volteador (Grande sertão: veredas). *Estud. av.* [online]. 2006, vol.20, n.58, pp.47-64. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000300005>.
- ROSA, Guimarães. Grande sertão: veredas. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

Sobre os autores

Agnello Augusto Assis Vieira é formado no curso de licenciatura em Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da USP, no ano de 2013. Desde então, atua como artista plástico, principalmente com as linguagens do desenho e da fotografia, e como professor na rede pública de São Bernardo do Campo.

E-MAIL: agnello.augusto@gmail.com

Alberto Roiphe é professor de Teoria Literária e de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Professor do Mestrado Profissional em Letras da mesma Universidade (Profletas).

E-MAIL: albertoroiphe@bol.com.br

Alexandre Cardoso Oshiro possui graduação em Educação Física e Saúde (USP) e mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP). Tem experiência em antropologia e dança, focando-se na compreensão do processo ensino-aprendizagem do *Ryūkyū Buyō* (danças tradicionais de Okinawa). Em 2014, fez parte do Grupo de Estudos Artes Ásia, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Michiko Okano (Unifesp) e Prof^ª. Dr^ª. Madalena Hashimoto (USP). Em 2014 e 2015 integrou o grupo organizador do curso de extensão “Vivências com a arte para jovens e adolescentes”, coordenado pela professora doutora Sumaya Mattar do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP.

E-MAIL: exotic.ale@gmail.com

Allan (Alice) Marrone Marcolino é estudante do quarto ano da graduação em Psicologia, no IPUSP e foi bolsista pelo PUB do projeto “Vivências com a Arte para Jovens e Adolescentes” nos anos de 2015/2016. Foi bolsista de 2013 a 2015 num projeto do Departamento de Psicologia Social, trabalhando com os temas da Aids, de Sexualidade e Gênero. Realizou, em 2014, um curso de Extensão no Instituto Sedes Sapientiae em Arteterapia. Atualmente, tem interesse em psicanálise, filosofia, teorias de gênero e saúde pública (principalmente concernente ao tratamento oferecido à população transexual no SUS). Atende pela clínica do IPUSP, sob supervisão de orientação lacaniana.

E-MAIL: allanmmarcolino@gmail.com

© Copyright 2016 by Sumaya Mattar e Alberto Roiphe

COORDENAÇÃO EDITORIAL Christine Röhrig

PREPARAÇÃO E REVISÃO Nelson Luís Barbosa

PROJETO GRÁFICO Raul Loureiro

BIBLIOTECÁRIAS Sarah Lorenzon Ferreira (ECA) | Shirlene Vila Arruda (IAE)

COLABORAÇÃO Moacir José da Rocha Simplício | Guilherme Nakashato | Renata Arliane

IMPRESSÃO Polo Printer

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

A786m Arte e educação : ressonâncias e repercussões /

Sumaya Mattar, Alberto Roiphe

(organizadores) - São Paulo: ECA-USP, 2016.

280 p.

Trabalhos apresentados no II Seminário Multidisciplinar
de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação: processos de criação
na educação e nas artes, realizado dias 6 e 7 de abril de 2016,
Universidade de São Paulo.

ISBN 978-85-7205-163-7

1. Arte-educação 2. Criação artística 3. Professores –
Formação profissional 1. Mattar, Sumaya II. Roiphe, Alberto
III. Seminário Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte
e Educação: processos de criação na educação e nas artes
(2. : 2016 : São Paulo).

CDD 21.ed. – 700.7

APOIO



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



REALIZAÇÃO



USP

